



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA AGRÁRIA DA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA

ROMAISSON CHRISTOFHER DAS NEVES REIS

**“ESSE É O DOM QUE DEUS ME DEU”:** práticas de cura e  
saberes populares na vila rural do Acarajó, Bragança do Pará

ANANINDEUA-PA

2018

ROMAISSON CHRISTOFHER DAS NEVES REIS

**“ESSE É O DOM QUE DEUS ME DEU”:** práticas de cura e saberes populares na vila rural do Acarajó, Bragança do Pará

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em História Agrária da Amazônia Contemporânea apresentado a Universidade Federal do Pará, como requisito final para obtenção do título de especialista, sob orientação do Prof. Dr.º Francivaldo Alves Nunes.

ANANINDEUA-PA

2018

ROMAISSON CHRISTOFHER DAS NEVES REIS

**“ESSE É O DOM QUE DEUS ME DEU”:** práticas de cura e saberes populares na vila rural do Acarajó, Bragança do Pará

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em História Agrária da Amazônia Contemporânea apresentado a Universidade Federal do Pará, como requisito final para obtenção do título de especialista, sob orientação do Prof. Dr.º Francivaldo Alves Nunes.

Conceito: Excelente

Data da defesa: 04/12/2018

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr.º Francivaldo Alves Nunes  
Universidade Federal do Pará  
Orientador

---

Profª M.Sc Leila do Socorro Araújo Melo  
Universidade do Estado do Pará  
Examinador

---

Prof M.Sc Rafael Santos Ribeiro  
Universidade Federal do Pará  
Examinador

# **“ESSE É O DOM QUE DEUS ME DEU”:** práticas de cura e saberes populares na vila rural do Acarajó, Bragança do Pará

"THIS IS THE GIFT THAT GOD GAVE ME": healing practices and popular knowledge in the rural village of Acarajó in Bragança Pará

**Romaisson Christofher Das Neves Reis<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo toma como objeto de estudo as práticas de cura na Região de integração Rio Caeté, tendo como o objetivo principal de estudo o curandeiro, partindo do pressuposto que este sujeito contribui com sistema de crenças e saberes. Para delimitar o território estudado, a pesquisa de campo se concentrará na vila do Acarajó, zona rural do município de Bragança. Assim sendo, entende-se que essas práticas de cura não são exclusivas da contemporaneidade, pelo contrário, elas se tornam mais interessantes quando reconhecidas como práticas tão antigas que apesar da modernidade ou as series de tentativas da igreja católica em exercer o controle sobre o campo das crenças ou até mesmo frente ao preconceito voltado sobre as religiões de matizes africanas, pode-se observar a sobrevivência destas práticas que existem desde o período colonial.

**Palavras-Chaves:** Curandeiro. Práticas de cura. Crenças. Saberes.

## **ABSTRACT**

This article takes as its object of study the healing practices in Rio Caeté region, having healer as the main objective of the study, assuming that this subject contributes to system of beliefs and knowledge. To delimit the studied territory, the field research will focus on the village of Acarajó, a rural area of the municipality of Bragança. Therefore, it is understood that these healing practices are not exclusive to contemporaneity, on the contrary, they become more interesting when recognized as practices so old that despite the modernity or several of attempts of the Catholic Church to exercise control over the field beliefs or even prejudice against religions of African origin, one can observe the survival of these practices that have existed since the colonial period.

**Key words:** Healer. Healing practices. Beliefs. Knowledge.

---

<sup>1</sup> Discente do Programa de História Agrária da Amazônia Contemporânea, pela Universidade Federal do Pará.  
Email: [romaissonreis\\_15@hotmail.com](mailto:romaissonreis_15@hotmail.com)

## 1. PRÁTICAS DE CURAS E SABERES: ENTRE MÉTODOS E CONCEITOS

Este artigo tem como objeto de estudo as práticas de cura na Região de Integração Rio Caeté<sup>2</sup>, de modo especial no município de Bragança, localizado no Estado do Pará, tendo como o objetivo principal de estudo o curandeiro, partindo do pressuposto que este sujeito contribui com um sistema de crenças e saberes. Esse sistema resulta de mesclas culturais, que segundo Claude Lévi Strauss (1975) dentro do circuito da cura, o feiticeiro em seu ato de cura depende da crença daquele que o busca. Essa relação estabelecida entre o curandeiro e aquele que busca a cura se estende a demais setores como as cabanas que prestam serviços de auxílio como venda de banhos, imagens, velas, incenso, ervas para defumação entre outros.

Visando a delimitação espacial deste trabalho, se recorreu a pesquisa de campo, se concentrando na Vila do Acarajó, zona rural pertencente ao município de Bragança do Pará.

Este trabalho se justifica por uma necessidade de se apresentar o cotidiano destes sujeitos que convivem e praticam a arte da cura. Para isso, recorreu-se a análises de estudos da história e antropologia, que juntas possibilitaram avaliar um panorama mais preciso deste cenário da cura na região bragantina, além de sustentar uma relação destes sujeitos dentro da História. Se hoje temos tais cenários de cura, como seria isso no passado? Em posse desse questionamento essa pesquisa vai se firmando ao passo em que o pesquisador vivencia o presente com os olhos voltados também ao passado.

### 1.1 Uma perspectiva histórica

Para a análise dos dados colhidos e apresentados nesta pesquisa, foi pensado em trabalhar com alguns conceitos historiográficos associado à História Cultural, que permita pensar o sujeito como detentor de uma identidade, considerados os valores, saberes e formas como compreende a realidade.

Peter Burke em sua obra “O que é história cultural?”, discute e estabelece de maneira dinâmica o conceito de história cultural. Mas, afinal trabalhar este conceito requer cautela, uma vez que, não há um conceito geral para cultura. Estudá-la requer estabelecer pontos e critérios para melhor abstração no momento da pesquisa. No entanto, o objetivo aqui é encontrar conexões que permitam ao pesquisador compreender que a História Cultural está ligada ao sincretismo simbiótico das ciências humanas e sociais.

As preocupações da história da cultura popular são explicadas pela ausência destas nos estudos da História cultural e é Stuart Hall do Centro dos Estudos Culturais Contemporâneos que lança crítica a ênfase na alta cultura. Enfim,

---

<sup>2</sup> Para maiores informações *vide*: DECRETO N° 1.066, de 19 de junho de 2008. *In*: <http://www.prpa.mpf.mp.br/setorial/biblioteca/legislacao/decreto-estadual-n-1-066-de-19-de-junho-de-2008>. Acessado em 02/11/2018, às 3:00h a.m.

será a história cultural e a cultura popular que levantará problemas que não se podia mais escamotear (BURKE, 2008, p. 15).

O autor Stuart Hall apresenta tal conceito vinculado ao sentido de identidade e pertencimento. Acreditando que o homem pós-moderno passou por novos conceitos de identidade. Esta linha de raciocínio do autor sugere pensar em conceitos que compreendam o homem em seu tempo. Levando em consideração que o indivíduo não deve ser pensado pelo todo, mas que cada sujeito pensa e age por si. Este argumento de Hall ajuda a sustentar os dados das entrevistas que se mostram em conjunto de ideias distintas sobre a prática da cura em Bragança.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social, em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, está em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. [...] O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto a prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas (HALL, 2011. P, 7-8).

Agora pensar em identidade remete a um debate mais amplo que a antropologia denomina de etnografia. Isto é, pensar o homem de maneira tão minuciosa a ponto de entender as concepções abstraídas em sua época vivente, requer de todo uma atenção mais voltada à pesquisa antropológica social. Clifford Geertz já afirmara isso em seu livro “A interpretação das culturas”.

Em antropologia, ou de qualquer forma, em antropologia social o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento (GEERTZ, 1989. P 15).

Nesse sentido, é possível entender que para se abster um conceito de cultura mais denso se faz necessário a compreensão a partir da época em que é analisado. Isto se dá através do entendimento do homem e sua identidade cultural, que pode ser entendido a partir do estudo etnográfico.

Este estudo traça a formação e a desintegração da autoridade etnográfica na antropologia social do século XX. Não é uma explicação completa nem esta baseada numa teoria plenamente desenvolvida da interpretação e da textualidade etnográfica. Os contornos de tal teoria são problemáticos, uma vez que a prática de representação intercultural está hoje mais do que nunca em cheque (JAMES, 1998. P, 7).

De todo modo, pensar no debate a respeito do conceito de cultura em muito ajudará na conclusão desta pesquisa que em suma necessita de um fio condutor que a respalde diante das questões que aqui se querem discutir. Dessa maneira, acredita-se que, através do estudo da história cultural poder-se-á estabelecer melhor um ponto de partida para análise do objeto de pesquisa.

O conceito de identidade vem atuar aqui como um panorama mais minucioso da história cultural. Isto é, a partir do momento em que se abster do conceito de cultura apropriado ao ambiente deste estudo, caberá ao pesquisador compreender o objeto de pesquisa em seu meio social. Para ser mais objetivo, com entendimento do objeto como sendo composto de uma identidade cultural que o define, faz-se necessário a análise mais apurada do pesquisador. Isto levará ao ponto do estudo etnográfico. Com este pretende-se chegar ao ponto chave da questão que se apresentará a partir do estudo etnográfico debatido apresentado posteriormente.

Logo, estes conceitos se fazem preciosos no trato das fontes, quando debatidos com o objeto desta pesquisa. Nesse sentido, o conceito de identidade contribui para a compreensão da atuação dos curandeiros, pertencentes a um sistema de crenças e saberes populares que permeiam no âmbito cultural da sociedade amazônica. Possibilitando, ainda, observar os discursos apresentados pelo curandeiro, a maneira como este se percebe em sociedade, e como a sociedade o concebe. Para tal apreciação, a etnografia, será importante, coletando informação a partir da pesquisa de campo, se deixando utilizar do método de entrevistas semiestruturada, com visita a vila do Acarajó.

## **1.2 As fontes sobre a cura**

Em pesquisas sobre o termo cura em jornais, nos deparamos com o jornal *O Semanário*, do município de Bragança. Foram encontrados um conjunto significativo de exemplares deste periódico na Biblioteca Armando Bordallo da Silva, do Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará. Para uma análise mais precisa, focou-se na última década do século XX, mais precisamente no ano de 1996, sendo este o ano composto de mais exemplares, somando, ao todo sete exemplares. Realizou-se, em seguida, uma triagem quanto as matérias à serem analisadas, os seus conteúdos, formatos de edição, com o objetivo de entender a mentalidade da época com relação a concepção de cura.

A princípio não se pensou em encontrar tal termo exposto logo como manchete. Ainda assim, foi estabelecida uma análise minuciosa destes documentos. De antemão ficou claro o posicionamento político muito forte nos artigos, além do grande espaço que as igrejas católica e protestantes detinham. Todavia, percebe-se que, em algumas edições, há um pequeno espaço

que, no geral, detém seu conteúdo sem título, fato que chama a atenção, outras poucas, por sua vez, contêm títulos como “*Reze 9 Ave Maria*” ou simplesmente “*Oração*”. Em duas únicas edições constava a palavra “*Simpatia*” como tema do pequeno espaço no jornal.

Na edição dos dias 02 a 09 de março de 1996 foi publicado “*Reze 9 Ave Maria: durante 9 dias peça 3 desejos um de negócios e dois impossíveis ao nono dia publique se este aviso e cumprir-se-ão mesmo que não acredite*” (O Semanário, ano II- Nº 46, 1996, p. 9). Na mesma edição continha a resposta à oração da edição anterior, tudo com muita discrição daquele que a envia, “*Reze nove Ave Maria: durante 9 dias peça 1 graça. Ao nono dia publicar. Alcançará as graças mesmo sem fé. E. G. Oliveira*” (O Semanário, ano II- Nº 46, 1996, p. 11). Nota-se que o autor desta publicação assinara somente com suas iniciais e o sobrenome.

Nas edições de Nº 43 dos dias 12 a 20 de janeiro, e Nº 54 dos dias 22 a 29 de junho deparou-se com as notas “*simpatia*”. Estes são os únicos a possuírem tal título, além de serem também os únicos com autoria, com exceção à resposta vista acima.

#### Simpatia

No lugar mais alto de sua cabeça, acenda três velas brancas no prato, com água e açúcar para seus três anjos protetores e fazer um pedido. Em três dias você alcançará a graça. Publicar no terceiro dia e observar o que acontece no 4º dia. Fátima Lúcia (O Semanário, ano II -Nº 43, 1996, p. 8)

#### Simpatia

Pegar meio copo de cachaça, colocar em lugar que ninguém veja, oferece as santas Almas benditas e dizer: assim como este cheiro vai sumir, o vício de fulano também vai acabar. No outro dia, pega-se o copo com a cachaça e joga-se e, em lugar qualquer com copo e tudo. Depois coloca-se essa simpatia no jornal, 3 dias para ser publicado. (J.M.). (O Semanário, ano II –Nº 54, 1996, p. 4)

Estas publicações se destacam por apresentar este elemento alternativo de cura, quer seja de doenças do corpo, quer sejam males cotidianos não diretamente ligados ao ato de curar em si. Estas “*simpatias*” não se referem a fenômenos exclusivos da contemporaneidade, pelo contrário, compõem o grande leque de práticas culturais híbridas de tradições indígenas e africanas, que se mesclam desde o contato no período colonial, como foi analisado por Laura de Melo e Souza.

Mas, apesar disso, fora considerável a presença da feitiçaria no cotidiano dos colonos, o que se tornava cada vez mais evidente conforme se avançava a leitura da documentação, só na visitação do Grão-Pará (1763-1769), apuraram-se, num total de 47 culpas, 21 casos de feitiçarias e 9 de curas mágicas. Por um lado, a feitiçaria colonial mostrava-se estreitamente ligada às necessidades iminentes do dia-a-dia, buscando a resolução de problemas concretos. Por outro, aproximava-se muito da religião vivida pela população, as receitas mágicas assumindo com frequência as formas de orações dirigidas a deus, a Jesus, aos santos, à Virgem (SOUZA, 1987, p. 19).

Assim, a importância de se trabalhar com estes jornais, está na possibilidade de se estabelecer conexões com os documentos e relatos orais, metodologicamente, parte-se da “Nova História”, seguindo da perspectiva que esta, “entende-se que deve envolver além da pesquisa bibliográfica, a documental e a oral” (WEBER, 2012, p. 5). O contexto, pois, no qual estes jornais estão inseridos, possibilitam compreender o momento histórico da região. A busca pelo cura de males do corpo ou do espírito, se faz presente no passado da região. O que permite o estudos destas práticas na contemporaneidade.

### **1.3 A arte da cura ou a cura como arte do bem fazer**

Essa figura iluminada não guardava sua fé na ciência, mas sua força residia no poder mágico de seu ego. Bastava meia dúzia de seus passes fluídicos para dar cabo ao sofrimento (RODRIGUES, 2008, p.67).

Silvio Ferreira Rodrigues, na dissertação “Esculápios tropicais: A institucionalização da medicina no Pará, 1889- 1919”, apresenta em sua narrativa um curandeiro que chega a cidade de Belém. Nas descrições das atividades de cura e do cotidiano de vida do curandeiro, as observações apontadas pelo autor permitem pensar na figura deste agente de cura como ser mítico e fabuloso, que com suas orações e cânticos dá cabo ao sofrimento daquele que recorre ao seu auxílio. Seguindo essa linha de pensamento, estarão então os curandeiros, hoje, atuando da mesma maneira? Suas práticas foram mantidas ou houveram rupturas? Para tal reflexão, concentrou-se os estudos da cura no município de Bragança do Pará, mais precisamente na vila do Acarajó, apresentando uma curandeira que atua de maneira direta com a arte de cura, no caso, dona Odileia.

Dentre a bibliografia desta pesquisa, dois trabalhos são fundamentais para a sustentação da ideia da representação do curador: o texto “A pajelança cabocla como ritual de cura xamânica”, do pesquisador Raymundo Heraldo Maués e o texto “A mina Maranhense, seu desenvolvimento e suas relações com suas tradições afro-brasileiras”, da pesquisadora Mundicarmo Ferretti.

A partir da leitura destes artigos pode-se observar que os pesquisadores dedicam atenção ao mundo da cura, seja pelo viés antropológico, ou pelo histórico cultural, com cuidado de apresentar o sujeito que pratica a cura como alguém singular e que não está ou não necessita pertencer a uma determinada linha religiosa para curar. Em outras palavras, trata-se de pessoas com dons diferenciados, capazes de usá-los de forma a promover benefícios para outros da comunidade, sendo que para isso se utiliza de conhecimentos que perpassam pela manipulação de ervas e evocações a orações.

Seguindo esta perspectiva de análise, este estudo dedicou-se a observar como os curandeiros atuam na vila do Acarajó. Deste modo, se faz necessário um olhar além da religiosidade oficial. Com este termo se pretende afirmar que a região bragantina não dispõe somente de instituições como igrejas católicas, protestantes, centros espíritas, religiões de raízes africanas e indígenas, mas também, diante de todas estas instituições religiosas, temos os curandeiros, sendo estes pertencentes ou não a uma religião definida. Uma vez que, cada curandeiro segue linhas de trabalhos distintos, como sendo sua identidade.

Dito isso, o objetivo apresentado é buscar os sujeitos que compõem o cenário da cura, tendo por foco entender os aspectos que possibilitam esta prática na contemporaneidade. Para chegar a tal apreciação se propõe a análise dos sujeitos que abarcam este cenário. E é neste ponto que a pesquisa ganha forma, e se diferencia das demais trabalhadas por pesquisadores da área.

O curandeirismo é um tema que em muito se destaca na região, porém carece de atenção por parte dos pesquisadores, sobretudo, aos que se dedicam a história do tempo presente. Sobre este tema, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho comenta, em seu artigo “Para uma História do Tempo Presente: o ensaio de nós mesmos”, que a história do tempo presente “se ampara no pressuposto metodológico de que a história não é somente o estudo do passado, mas também, ‘com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente.’”. A partir deste ponto pode-se estabelecer um entendimento social, que neste aspecto perpassa no município de Bragança.

Seguindo este conceito de História do tempo presente, pode-se observar que as religiões ditas fetichistas detêm grande espaço no cenário da cura na região bragantina, entendendo por fetichismo “a doutrina ou culto mais geral baseada em um suposto modo de pensamento daqueles que usam fetiches” (PIREZ, 2011, p. 62).

Um fetiche consiste em um ou mais objetos para os quais personalidade e poder sobrenaturais são atribuídos. O espírito assim associado com um fetiche não é um deus distante nem um ancestral humano ainda consciente, mas um poder residente vagamente personalizado que, acredita-se, pode ser influenciado por oferendas oportunas. (FORDE 1958:9, apud, PIREZ, 2011, p. 26).

Não é preciso ir tão longe para enfatizar isto. Em um simples passeio pelas ruas de Bragança e logo se depara com *banners*, cartazes, folhetos em postes ou orelhões, além das inúmeras casas que prestam serviços de cura e outras artes, dentre outros meios de propagandas

destas práticas, que em sua maioria oferecem serviços distintos como “fazer e desfazer qualquer trabalho”, “fazer benzimentos e simpatia para o amor”, “cartas”, “búzios” e “vidência”.

A procura da cura pelas ervas ou consultando um curador chama atenção para algumas questões, de início visando entender o contexto em que se estabelece este cenário, assim como o papel destes sujeitos e, sobretudo daqueles que buscam tais serviços. Raymundo Heraldo Maués trabalha em seu artigo “A pajelança cabocla como prática de cura xamânica” (2008) a contextualização dos pajés caboclos na região do Salgado, no nordeste paraense.

Chamo de pajelança cabocla ou rural a uma forma de culto de origem indígena, mas praticado sobretudo em áreas rurais da Amazônia, por populações não indígenas. [...] neste sentido ela se apresenta como um sistema terapêutico, integrado a um sistema mais amplo de várias formas de medicinas populares [...] (MAUÉS, 2008, p.121).

Nesta citação o autor apresenta uma definição que nos ajuda a visualizar o curandeiro como sendo o indivíduo que pratica o ato da cura como um pajé em ambiente não indígena ou mesmo por alguém não indígena. Esta definição é aceita também por outros pesquisadores antropólogos que trabalham com estes sujeitos. Essa identidade ganha forma na região bragantina, que também detém seus curandeiros. O autor segue destacando ainda a própria relevância destas práticas em seu contexto mais amplo, isto é, a importância destas práticas de cura em relação à comunidade em que este sistema se aplica.

A pajelança possui implicações que exercem influência sobre o modo de vida das populações rurais amazônicas, atingindo, mesmo, os aspectos socioeconômicos. Em perspectiva mais ampla, ela pode ser vista como um fato social total, ou de abrangência geral, para as populações que praticam (Maués, 2008, p. 122).

Esta citação de Maués contribui a reflexão do contexto deste sujeito, sua posição na sociedade em que atua.

Outro fator relevante a esta pesquisa é a simbiose que se estabelece entre a curandeiro com as demais religiões, sobretudo com o catolicismo.

A pajelança cabocla surge como uma das várias medicinas populares na Amazônia, desde que o pajé não é o único especialista local no tratamento de doenças. Além dele, existe o experiente, a parteira, o benzedor ou benzedeira, o espírita, e o farmacêutico. Mais recentemente, com o desenvolvimento do pentecostalismo, tem penetrado no interior da Amazônia muitas igrejas e seitas voltadas para a cura de doenças, através do exorcismo e do poder do espírito santo. (...)

Vale lembrar as relações que a pajelança cabocla vem mantendo com o catolicismo, religião dominante no Brasil e nas áreas onde tem se desenvolvido o culto e a prática dos pajés caboclos ou rurais. Nos últimos anos, a partir da renovação proporcionada pelo concílio Vaticano II e das novas ideias difundidas pelo conhecimento da psicologia e da psicanálise, bem como da chamada parapsicologia, tem se desenvolvido uma atitude mais tolerante da igreja católica para com a pajelança, com alguns padres permitindo e mesmo aprovando essas práticas como forma de

tratamento “psicossomáticas” ou mesmo formas eficazes tout corut, em razão do conhecimento tradicionais dos pajés, a respeito das plantas medicinais. Os pajés, por sua vez, mesmo lembrando os longos anos de perseguição que tiveram de enfrentar, afirmam ser a pajelança perfeitamente compatível com, o cristianismo, alguns deles lembrando mesmo o caráter xamânico de Jesus, que expulsava demônios, curava cegos, leproso e outros doentes bem como realizava milagres de outras naturezas (MAUÉS, 2008, p. 123).

Com isso, pode se perceber que a pajelança enquanto mítica de cura está estabelecida na sociedade a partir de relações sociais. Na vila do Acarajó existem sujeitos que praticam a cura, movimentando o setor das curas seculares. Wanna Célli da Silva Sousa na dissertação “Cura, Saberes e Modos de Vida na Prática do Curandeirismo em Bragança-Pará”, apresenta uma definição de curandeiro ao investigá-los no município de Bragança do Pará:

De antemão faz-se necessário esclarecer a escolha da categoria curandeiro utilizada neste trabalho, justificando ainda a existência da prática do curandeirismo em Bragança. Mencionar o termo curandeiro, hoje, século XXI, é se permitir adentrar em um universo cultural rico em símbolos, saberes, discursos e preconceitos. No decorrer da pesquisa pensava em qual categoria utilizar para denominar os sujeitos principais da pesquisa. Tendo essa preocupação em mente, as análises que aqui se seguirão estão localizadas nas experiências cotidianas dos curandeiros e na relação que eles estabelecem com a população bragantina. Portanto, a categoria selecionada surgiu do saber empírico dos sujeitos, das experiências compartilhadas no dia a dia, desse saber que não necessita de comprovação científica, mas que se materializa no bojo das relações com a sociedade de trocas de conhecimento entre homens e mulheres que desenvolvem seus trabalhos de cura. Pensando nisso, reflito nesta dissertação, a respeito do modo que o termo curandeiro foi construído tendo em vista esse saber empírico (SOUSA, 2014, p. 16).

O trabalho de Sousa contribui imensamente com a possibilidade de pesquisas na região acerca deste tema. A leitura desta dissertação despertou o olhar para o sujeito, não como sendo um objeto a ser pesquisado e descrito, mas alguém que tem muito a contar. E este foi um dos critérios adotados nesta pesquisa. Todavia, esta pesquisa busca analisar além do curandeiro, apresentando sujeitos secundários, no papel daquele que busca o serviço de cura e aqueles que trabalham com a venda dos instrumentos de cura.

## **2. O CURANDEIRO E O CONTEXTO DA CURA**

O ritual xamanístico da pajelança possui elementos que podem ser classificados de humanos, místicos e materiais. Na primeira categoria se incluem o pajé (ou curador), o servente, o responsável (ou dono) do trabalho, o doente (que pode também ser o dono) e a assistência. Os elementos místicos incluem Deus, os santos, os encantados e os espíritos (estes, indesejáveis). (Maués, 1995. P, 187)

Maués na obra “Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico” apresenta de maneira minuciosa como ocorrem os cultos de cura xamânica, seus

contatos com a comunidade em que está inserido. Este estudo ajuda a compreender a arte da cura e seus elementos idiossincráticos e fetichistas.

Compreender o cenário da cura exige do historiador uma compreensão diacrônica entendendo-o como sujeito dentro de uma temporalidade. Dito isso, não basta somente apresentar o curandeiro na contemporaneidade. Faz-se necessário uma análise historiográfica do papel deste no decorrer do tempo. Dessa forma será possível o entendimento deste praticante da arte da cura como sujeito temporal.

De início, destaca-se o artigo do historiador Dr. Aldrin Moura de Figueiredo, “Assim como eram os gafanhotos: Pajelanças e confrontos culturais na Amazônia no início do século XX”. Neste trabalho o autor vem situar como o curandeiro se insere dentro da realidade no Estado do Pará no século XX, destacando a conotação negativa que este sujeito tinha com a prática da própria função de curar. Seu objetivo perpassa em “discutir a questão dos contatos culturais e dos diferentes usos das concepções e linguagens acerca da medicina e da cura na Amazônia do século XX” (FIGUEIREDO, 2008, p. 9).

O autor se utiliza, sobretudo, de relatos de jornais da época e de boletins de ocorrência, que juntos estabelecem um panorama do papel do pajé nesse momento. Em resumo, os pajés no papel daquele que cura sempre se apresentam como criminosos por praticarem a venda de medicamentos à base de ervas aos aflitos pelo mal de Lepra.

Como apontamos anteriormente, estamos preocupados em pensar como se deu o trabalho de pajé caboclo no século passado. Com isso, se pretende estabelecer um método dedutivo ao sujeito praticante desta arte na contemporaneidade, isto é, os debates do autor ajudaram a entender que o formato destas práticas hoje advém de um passado carregado de perseguições, sobretudo religiosas. Um dos questionamentos a ser levantado está associado a compreensão do papel social deste sujeito na contemporaneidade, haja vista que, não há muito tempo, tal ato era tido como ilegal.

Na sequência, se apresenta o artigo da antropóloga Gisela Macambira Villacorta, “Novas concepções de pajelança cabocla na Amazônia (Nordeste do Pará)”, que tem como objetivo apresentar “novas concepções de pajelança cabocla” a partir do estudo de uma curandeira no município de Colares, situado no nordeste do Pará, o qual, segundo a autora, estabelece novas concepções que conferem a curandeira um papel diferenciado dos demais praticantes.

A pajé em questão engloba em seu discurso práticas e crenças xamanísticas, elementos do esoterismo e movimento nova era, realizando uma espécie de bricolage, que irá lhe

conferir um significativo status, sendo apontada por muitos como “a melhor” do município onde atua ( VILLACORTA, 2008, p. 103).

Segundo a autora a pajé traz consigo uma gama de movimentos que a caracteriza, agindo dessa forma de maneira singular e distinta aos demais praticantes desta arte da cura. Um ponto interessante nesta pesquisa foi o método utilizado pela pesquisadora que optou por realizar uma pesquisa de campo, onde passou a conviver na casa de D. Maria Rosa, a curadora em questão. Seu relato, resultante desta experiência, evidencia uma prática sem fundamentos que possam lhe conferir o status de pajelança como religião, haja visto que, de fato a simbiose de outras religiões se fazem presente na atuação da cura, sobretudo desta pajé, que ganhou destaque em sua região.

Nesta cidade ela “retoma suas raízes indígenas”, pois é uma pajé (isto é, um tipo de xamã que, simbolicamente, relaciona-se com o índio idealizado pelos moradores da cidade, que de fato estão longe da realidade indígena) e que, além de realizar curas tem como objetivo “conscientizar as pessoas para a preservação da natureza”. Aqui está à diferença nas práticas da pajelança cabocla observada, mais recentemente em Colares, isto é, o discurso ecológico explícito de uma autointitulada pajé ( VILLACORTA, 2008, p. 105)

Mais adiante a autora se preocupa em evidenciar mais a respeito desta distinção de D. Maria com relação aos demais pajés da região. Seu discurso segue uma linha de raciocínio claro, quando se dedica a explicar o sincretismo da pajelança cabocla com as demais religiões.

Além disso, foi possível observar, em Colares, sessões xamanísticas de outros pajés (tradicionais moradores do lugar, ao contrário de D. Maria Rosa) em que “espíritos de índios” vinham fazer a cura, mas também uma espécie de protesto, quando alguém poluía um igarapé ou olho d’água, ou quando se derrubavam árvores (ação que eles consideravam desnecessárias). Aqui além do aspecto “ecológico”, é importante notar a influência mais nítida de outras crenças (espiritismo, umbanda), admitindo-se, nessas sessões, não só a presença de encantados, mas também de uma categoria especial de espíritos (“de índios”), o que não é usual na pajelança cabocla da região do Salgado ( VILLACORTA, 2008, p. 106).

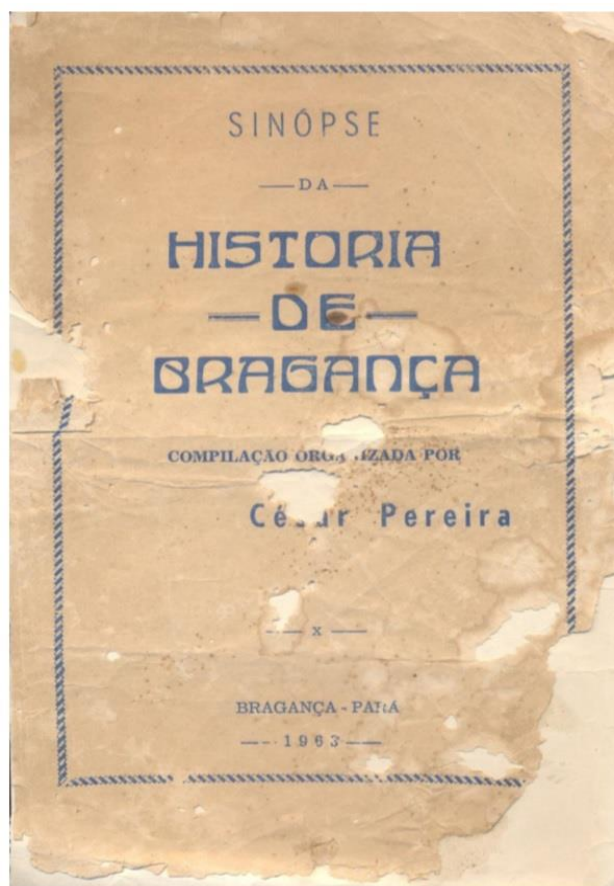
Gisela Macambira Villacorta ajuda a pensar nessa relação que o sujeito praticante da área da cura detém na região em que atua. Isto de certo leva a pensar como se estabelece a relação do sujeito que pratica a cura com os outros praticantes de curas da região. Segundo os relatos que se obteve, os curandeiros, aos quais se dedica esta pesquisa ganham uma atenção toda especial, sobretudo de sujeitos de comunidades distantes a Bragança.

O “estudo do homem” é certamente um rótulo de modo pretencioso, para não dizer absurdo, quando aplicado a antropologia acadêmica na forma em que ela se situa

agora. [...] podem reivindicar, todas elas, ser consideradas como ramos de legítimos estudos do homem. [...] A antropologia, como a ciência do homem em geral é como a mais ampla entre as disciplinas do humanismo não consideradas como tais, foi a última a aparecer (MALISNOWSKI, 1975. P, 13).

Durante a pesquisa por documentação a respeito do ato de cura no município de Bragança, uma ganhou destaque por apresentar uma fonte documental sobre um caso que ocorreu no ano de 1906. Deparou-se com a seguinte fonte intitulada “A mulher matou o marido, enganada, pensando que vidro moído era remédio eficaz para asma”. O documento está contido no livro de Cesar Pereira, com o título “Sinopse da História de Bragança”, datado como ano de 1963. Esta fonte ganha profunda validade quando seu contexto ocorre na vigência de um código penal que qualifica como conduta típica o ato de curandeirismo.

**Figura I: capa do livro “sinopse da História de Bragança”, do autor Cesar Pereira.**



Fonte: Biblioteca Armando Bordallo Silva, Bragança-Pará.

Em suma, este documento apresenta o caso de dona Feliciano, esposa do velho Izidro, que moeu cacos de vidro e os colocou no mingau de seu marido acreditando ser um tratamento eficaz para a asma que o assolava. O autor apresenta que a cidade viveu momentos de grande

alvoroço quando Izidro faleceu. E isto levou dona Feliciano à delegacia e, posteriormente, a julgamento. Durante a fase de instrução, uma personagem nos é apresentada ao tribunal do júri, dona Possidônia, moradora da região do Abacateiro, zona rural do município de Bragança, apontada como a curandeira que ensinou à dona Feliciano tal remédio. A narrativa segue apresentando outros personagens e fatos. Contudo, este documento contribui para a compreensão da questão da cura popular. Uma cura resultante do conhecimento popular passado pelas gerações.

Solicitada dona Possidônia afirmou:

Quem sabe se dona Feliciano moeu bem o vidro?... Talvez ficasse algum fragmento, não reduzido a pó e que causasse mal ao doente. Eu dei ao “Juca” somente o pó, finíssimo, como me ensinaram e as partes mais grossas eu joguei fora. (PEREIRA, 1963, p. 225)

Observe quando dona Possidônia afirma “como me ensinaram”, esse ensinamento, pois, seria o culpado da morte de Izidro? É o que se questiona na narração no discurso do advogado de defesa de dona Feliciano:

Mas, na medicina, basta um apontar uma parte de seu corpo que está doendo, diz logo um do povo: “toma tal remédio que é dito e feito, ficarás bom, pois, eu, tomei esse remédio e estou aqui, lampreiro! Essa sua doença, eu tive”. Dona Feliciano, no melhor de seu intento deu um remédio que lhe ensinaram, ao marido, remédio esse que já havia curado o filho de uma testemunha desse processo, e ele, o marido dela, morreu. Foi ela quem o matou? Não! Foram os ensinadores do remédio. (PEREIRA, 1963, p. 229)

De testemunha, dona Possidônia passa a ser apontada como ré, e nesse sentido, como a verdadeira culpada pela morte de Izidro, por ser a “ensinadora” do remédio que o levou a óbito.

Estudar, pois, a arte da cura na região bragantina nos leva a sujeitos que desempenham esta função, não tão somente como religião ou profissão, mas como um estilo de vida. Pensar nestes indivíduos requer uma observação do sujeito quanto detentor de sua própria história. Uma história que, quando analisada em conjunto a outras, possibilita entender a identidade do curandeiro. Karla De Oliveira e Luiz Carlos Borges conceituam a curandeiro como:

Um sistema de crenças que mescla elementos indígenas, africanos e do catolicismo popular e possui estreita relação com o meio ambiente, seja devido à utilização de recursos fitoterápicos necessário ao reparo de banhos, chás e unguentos, seja por conta dos espaços sagrados reservados aos seres sobrenaturais (OLIVEIRA; BORGES, 2010, p. 256).

A partir do observado nesta fonte, foi-se a campo para encontrar a peça primordial desta pesquisa, o curandeiro (a), que em Bragança desempenham um papel singular na arte da cura, para então cruzar com esta fonte.

Logo, fomos a campo para encontrar com os curandeiros na vila do Acarajó. Para tanto, o foco ficou concentrado em dona Odileia. O sistema empregado na pesquisa de campo se baseou no modelo de entrevista semiestruturado no dia 21 de julho de 2018.

**Figura II: dona Odileia, Curandeira e moradora da Vila do Acarajó.**



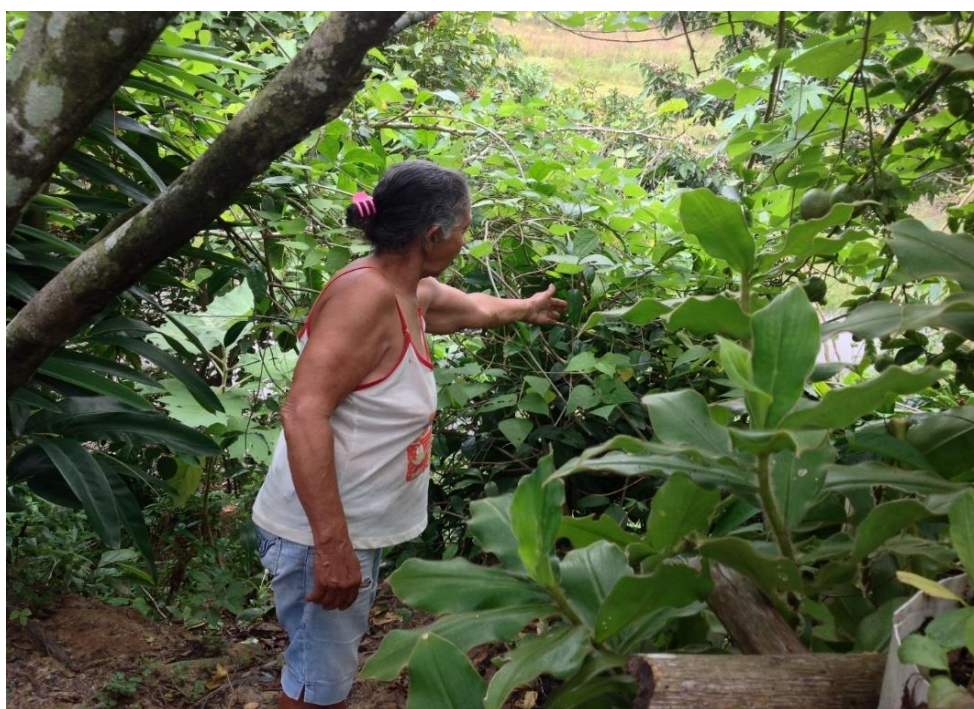
Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Chegamos a vila do Acarajó pela manhã, já ciente dos curandeiros que atuam no local. No entanto, por ironia do destino, não se encontravam por lá alguns do que já se conhecia, como a Mãe Pretinha, o Seu Zé ou a Mãe Cleonice, sendo estes os mais conhecidos curandeiros da região.

Já se havia pensado em voltar outro dia, quando se avista dona Odileia, moradora da região que foi entrevistada no ano de 2014, quando pensava-se na elaboração do trabalho da conclusão de curso de graduação. Ao nos observar, dona Odileia logo exclama “lembro do Senhor! Já sabia que iria voltar.”. Questionada sobre a antiga visita à região, dona Odileia afirma: “Lembra que lhe falei que o senhor deveria escrever sobre a verdade da Umbanda? O senhor voltou, eu sabia!”.

Ao ser convidado a conhecer sua casa, observou que havia uma numerosa quantidade de plantas, todas organizadas, em seu terreno.

**Figuras III e IV: dona Odileia apresentando suas plantas.**



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Ao apresentar o espaço, dona Odileia fez questão de exibir cada planta que utiliza para realizar a cura, afirmando que tudo o que necessita para a realização do ato de curar está em seu terreno.

Estas plantas não são minhas. Foi Deus quem me deu. Se alguém chegar em busca de qualquer planta dizendo: “Ah, dona Odileia, me venda um pedaço dessa planta para eu fazer um remédio” Já vem uma voz no meu ouvido que diz: “Pode dar!” E eu dou. Então eu não tenho problema em dar as minhas plantas porque eles sabem [dona Odileia faz um gesto apontando para cima] da precisão [necessidade] de cada um.

Dona Odileia, continua apresentando suas plantas, pelo nome e qualidade de cada uma no ato de curar. E afirma que realiza a cura em um espaço em sua casa, dedicado a estes trabalhos, e que ninguém além dos que lhe procuram, tem acesso e este espaço, mas que, ainda assim nos apresentaria. Quando observa que não será capaz de realizar a cura, a direciona a outras pessoas.

Sobre a origem de seu dom, dona Odileia afirma tê-lo descoberto aos dez anos de idade, e que foi levada a igrejas muitas vezes quando nova, mas que sentia que não pertencia a estes lugares. Quando jovem, mesmo os pastores de igrejas evangélicas debatiam acerca da importância de sua conversão.

Sabe meu filho, este é um dom que Deus me deu. Eu vivo pra servir ao bem. Eu curo as enfermidade [enfermidades] de pele, curo as enzipra, rasgadas, quer dizer, eu não, eles [Dona Odileia volta a apontar para cima]. Eles me dizem como fazer os remédios, as vezes eu faço e, não demora aparece alguém na minha porta, perguntando se posso ajudar.

A origem do dom ou seu despertar caracteriza uma escolha de vida para estes sujeitos. Na entrevista percebe-se na fala de dona Odileia que o dom é algo aceito como estilo de vida. Maués analisa também que:

Em resumo, a doença apresenta sintomas bem característicos que se manifestam de maneira diversa de acordo com a pessoa atingida, mas que podem ser identificados com o seguinte: dores, febres, sustos (“remorso”, “tremor”), insônia, pesadelos, visões, inquietações, raiva, desfalecimento, além de crises em que a pessoa, mais ou menos tomada pelos encantados, cai na água, foge para a mata e para o matagal. Além desses, o candidato a xamanismo está sujeito a entrar em transe (ser tomado ou incorporado pelos caruanas) de forma intempestiva e inusitada, o que explica, dentro das concepções locais, o comportamento estranho que passa a agir (Maués, 1995, 297).

Dona Odileia, após apresentar seu terreno e suas plantas, convida a conhecer o espaço onde realiza os trabalhos de cura. Lá, afirma que é uma “varredora de terreiro dos outros”, isto é, não frequenta um único terreiro, vai nos que lhe convém. Explicou ainda que sofre algum preconceito dentro de casa. Fato esse vindo de suas filhas, que não concordam com o estilo de

vida da mãe, comentando que este é um “estilo de vida puxado e sem qualquer retorno”. Dona Ódileia, por sua vez, se demonstra inabalável em sua missão de cura, dada por Deus, afirmando ainda que “não posso cobrar pela cura, as plantas e o dom não são meus, são de Deus”.

**Figura V: espaço reservado aos trabalhos de cura.**



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

Quando questionada sobre o público alvo que lhe procura, dona Odileia afirma que não há como dizer, pois, muitas pessoas de religiões e locais diferentes buscam seu auxílio. Cabe destacar que dona Odileia realiza a cura, no entanto, esta não é uma tarefa habitual. Dona Odileia cura aqueles que lhe procuram, afirmando que é Deus quem lhe direciona e encaminha as pessoas até sua casa.

meu filho, tem uma senhora que mora muitos anos por aqui, ela é evangélica e nunca falou comigo. Um dia minhas filhas me chamam, aí vejo ela sentada no meu terreno, triste. Já sabia do que ela precisava. Conversei com ela e preparei alguns remédios pra ela. Ela agradeceu e ficou boa.

A entrevista seguiu com alguns questionamentos de nossa parte: “dona Odileia, quando cheguei a vila, observei que há muitas igrejas evangélicas por perto. Isso já causou algum problema a senhora ou aos outros curandeiros daqui?”, mais que depressa, dona Odileia respondeu que não, “nunca sofri [sofri] preconceito aqui, eles me respeitam e eu respeito eles, na verdade, cada um tá fazendo o bem e a vontade de Deus, né? Eu fico sempre aqui no meu

cantinho, não mexo com ninguém”. Aproveitando o momento, se aproveitou para perguntar se atendia as pessoas em suas casas. Dona Odileia, responde:

eu não saio, quando as pessoas precisam, vem aqui, é aqui que tenho meu quarto com meus santos. Quem cura é eles. [...] as vezes quando vem alguém aqui precisando para alguém que não pode vir, eles [aponta para cima]me dizem o que fazer, aí eu entrego uns galhos que eles dizem, né? E digo como a pessoa deve fazer.

**Figura VI e VII: fotos do espaço onde dona Odileia realiza a cura.**



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

A entrevista finalizou com dona Odileia apresentando o espaço dedicado a cura e as suas orações, um lugar onde apenas aqueles que deveram receber o tratamento dos males do

corpo e do espírito tem autorização para entrar, mesmo os moradores de sua casa não entram sem permissão. Este espaço fica localizado no interior de sua residência, mantido fechado por porta. Ainda assim, fomos convidados a conhecer este espaço e, autorizado por dona Odileia a fotografar. Dona Odileia agradeceu a oportunidade de falar sobre sua atividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estudar a arte da cura requer do pesquisador uma sensibilidade para compreender estes processos dentro do contexto em que vive o curandeiro. Sabendo que para aqueles que convivem com estas prática, encontram-se em um emaranhado cultural. Em que o curandeiro exerce uma forte função no local onde atua. Sendo respeitados pelos moradores da região. Fato que se nota durante a visita ao campo.

O curandeirismo em Bragança é uma prática que reúne experiências religiosas, crenças e valores que exigem dos curandeiros leituras identitárias de mundo. Através desse estudo procurou-se compreender os elementos que pertencem à identidade dos curandeiros. Esses sujeitos exercem forte liderança espiritual na mente e corpo da população, elaborando formas e modos de vida tão antigas quantos os discursos institucionais religiosos, havendo também, neste espaço, forças e discursos de tentativas de silenciamento que se manifestam, cotidianamente, na forma de preconceitos com curandeiros, que, em sua grande maioria são de baixa renda, portadores de saberes empíricos e pertencentes à religiosidade que divergem da ortodoxia institucional cristã (SOUSA, 2014, p.122).

Após o exercício de pesquisa de campo coube ao pesquisador compreender que essas práticas de cura não são exclusivas da contemporaneidade, pelo contrário, elas se tornam mais interessantes quando reconhecidas como práticas tão antigas que apesar da modernidade ou as series de tentativas da igreja católica em exercer o controle sobre o campo das crenças ou até mesmo frente ao preconceito voltado sobre as religiões de matizes africanas, pode-se observar a sobrevivência destas práticas, que existem desde o período colonial. Todavia, “as descrições míticas só interessam aos historiadores sociais se puderem ser consideradas dentro de um processo de mudança histórica e reelaboração de significados” (FIGUEIREDO, 2008, p. 55).

As fontes utilizadas neste artigo ajudam a expor um campo de estudo com muito a ser explorado. Estudar a cura, leva o pesquisador a vivenciar um experiência colossal, haja vista que, o processo ou busca pela cura na zona rural, em muito se diferencia pelo vivido no urbano. Porém, esta é uma tarefa para um projeto futuro.

## REFERENCIAS

### 1. LISTA DE FONTES

Acervo da Biblioteca Armando Bordallo da Silva. O Semanário. 1996. Pesquisados no ano de 2018.

Entrevistas realizadas na vila do Acarajó, zona rural do município de Bragança. 2018.

PEREIRA, Cesar. **Sinopse da História de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963.

### 2. APOIO TEORICO

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Assim como eram os gafanhotos: pajelança e confrontos culturais na Amazônia do início do século XX. In: **Pajelanças e religiões africanas na Amazônia**/ Raymundo Heraldo Maués, Gisela Macambira Villacorta. Belém: EDUFPA, 2008, p. 53-102.

MALISNOWSKI, Bronislaw. Cultura como objeto de investigação científica. In: **Uma teoria científica da cultura: BRONISLAW MALINOWSKI**. Zahar Editora: Rio de Janeiro. 1975.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. A pajelança cabocla como ritual de cura xamânica. In: **Pajelanças e religiões africanas na Amazônia**/ Raymundo Heraldo Maués, Gisela Macambira Villacorta. Belém: EDUFPA, 2008, p. 121-126.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia/ Raymundo Heraldo Maués. Belém: Cejup, 1995.

OLIVEIRA, Karla Cristina Damasceno de ; BORGES, L. C. . **Pajelança, Meio Ambiente e Cotidiano**: interação dos pajés com a natureza ? Cachoeira do Arari/PA. In: II Seminario de Investigación en Museología de los países de Lengua Portuguesa y Española, 2010, Buenos Aires. El Pensamiento museológico Contemporáneo, 2010. v. 1.

PIREZ, Rogério Brittes W. **Pequena história da ideia de fetiche religioso**: de sua emergência a meados do século XX. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 31(1): 61-95, 2011.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais**: A institucionalização da medicina no Pará, 1889- 1919. Belém, 2008. 163f. Dissertação (Mestrado em História Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2008.

SOUSA, Wanna Célli Da Silva. **Cura, Saberes E Modos De Vida Na Prática Do Curandeirismo Em Bragança-Pará**. Bragança, 2014. 136f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia)- Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2014.

STRAUSS, Claude Lévi. O feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975.

VILLACORTA, Gisela Macambira. *Novas concepções de pajelança na Amazônia (nordeste do Pará)*. In: **Pajelanças e religiões africanas na Amazônia**/ Raymundo Heraldo Maués, Gisela Macambira Villacorta. Belém: EDUFPA, 2008, p. 103-112.

WEBER, Daniela Maria. Metodologia para pesquisa em imprensa: experiências através d'ó Paladino. *Signos*, ano 33, n. 1, p. 9-21, 2012.